



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS – DLCV**  
**LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

THAÍS KELLY DA SILVA LIMA

**ESTEREÓTIPO ÉTICOS E DE GÊNERO NO NATURALISMO LITERÁRIO:** um  
olhar sobre a obra *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha

JOÃO PESSOA-PB

2018

THAÍS KELLY DA SILVA LIMA

**ESTEREÓTIPOS ÉTICOS E DE GÊNERO NO NATURALISMO LITERÁRIO:** um  
olhar sobre a obra *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Português, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

**Orientador (a):** Maria de Fátima B. Mesquita Batista

**Coorientador (a):** Rossana Tavares de Almeida

JOÃO PESSOA-PB

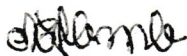
2018

THAÍS KELLY DA SILVA LIMA

**ESTEREÓTIPOS ÉTICOS E DE GÊNERO NO NATURALISMO LITERÁRIO: um  
olhar sobre a obra *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha**

APROVADA EM: 26/20/18

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dra. Maria de Fátima B. Mesquita Batista**

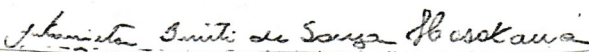
**Orientadora**

  
**M<sup>a</sup> Rossana Tavares de Almeida**

**Coorientadora**

  
**M<sup>a</sup> Maria José Lima de Carvalho**

**Examinadora**



---

**Dra. Antonieta Buriti de Souza Hosokawa**

**Examinadora**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por tudo que fez, e por tudo que irá fazer;

Aos meus pais;

A minha orientadora Maria de Fátima B. Mesquita Batista da Nóbrega e Coorientadora Rossana Tavares;

A Maria José de Lima Carvalho e a Antonieta Buriti de Souza Hosokawa, que aceitaram participar da banca examinadora;

Aos meus amigos da universidade e meus queridos familiares.

.

“Somos todos iguais, braços dados ou não.”

*Geraldo Vandré*

## RESUMO

O gênero é um tema que nas últimas décadas é objeto de várias linhas de estudo, principalmente nos estudos literários. O estudo do gênero é bastante complexo, principalmente quando visto da perspectiva do estereótipo, pois envolve questões culturais e sociais historicamente construídas. A questão do estereótipo de gênero é um tema presente e explícito na obra naturalista, *O Bom Crioulo* (2014), de Adolfo Caminha, através da relação homoafetiva entre Aleixo e Amaro, em que os papéis sociais do homem e da mulher são estereotipados por meio das descrições das personagens. Estes estereótipos de gênero na obra são resultado das próprias ideologias científicas e sociológicas que influenciaram o Naturalismo. Por esta razão, neste trabalho tem como objetivo geral analisar, na obra *O Bom Crioulo* (2014), de Adolfo Caminha, os estereótipos éticos e de gênero na relação amorosa entre Amaro e Aleixo. Especificamente, objetivamos: identificar os estereótipos masculino/feminino nas descrições físicas e comportamentos de Amaro e Aleixo ao longo da narrativa. A pesquisa é de cunho bibliográfico analítico. O estudo justifica-se, pelo fato de a obra ainda não ter sido analisada nesta perspectiva. Utilizamos como principais bases teóricas, os estudos de Beauvoir (1970), Bourdieu (2002) e Socott (1995) entre outros autores. Ao reafirmar os argumentos das teorias sobre gênero, mostrando que a relação entre homem e mulher não é uma questão de sexo, ou seja, biológico, mas sim social, pois, apesar de Aleixo ser homem biologicamente, apresenta-se socialmente como uma mulher, delineado, na obra, com estereótipos femininos. Também confere uma visibilidade a identidade sexual homoafetiva, mas ao mesmo tempo, Caminha renega-a, através da alteração na sexualidade de Aleixo. Em relação ao estereótipo de gênero, mostra que o negro não tinha nenhuma visibilidade social, pois mesmo após o assassinato de Aleixo, Amaro não foi percebido: “Ninguém se importava com o “o outro”, com o negro” (CAMINHA, 2014, p. 96).

**PALAVRAS-CHAVE:** Estereótipo. Gênero. Determinismo. Ético.

## ABSTRACT

The genre is a topic that in the last decades is the subject of several lines of study, mainly in literary studies. The study of gender is quite complex, especially when viewed from the stereotype perspective, since it involves historically constructed cultural and social issues. The issue of the gender stereotype is a present and explicit theme in Adolfo Caminha's naturalistic work, *O Bom Crioulo* (2014), through the homoaffective relationship between Aleixo and Amaro, in which the social roles of men and women are stereotyped through descriptions of the characters. These gender stereotypes in the work are the result of the very scientific and sociological ideologies that influenced Naturalism. For this reason, the main objective of this work is to analyze, in Adolfo Caminha's *The Good Criollo* (2014), gender stereotypes in the love relationship between Amaro and Aleixo. Specifically, we aimed to: identify male / female stereotypes in the physical descriptions and behaviors of Amaro and Aleixo throughout the narrative. The research is analytical bibliographical. The study is justified, because the work has not yet been analyzed in this perspective. We use as theoretical basis the studies of Beauvoir (1970), Bourdieu (2002) and Socott (1995) among other authors. It reaffirms the arguments of the theories on gender, showing that the relationship between man and woman is not a question of sex, that is, biological, but social, for although Alexis is a man biologically, he presents himself socially as a woman, outlined in the work with female stereotypes. It also gives visibility to homosexual sexual identity, but at the same time, Caminha denies it, through the alteration in Aleixo's sexuality. In relation to the gender stereotype, it shows that the Negro had no social visibility, since even after the murder of Aleixo, Amaro was not perceived: "No one cared for" the other "with the Negro" (CAMINHA, 2014, p. 96).

**KEYWORDS:** Stereotype. Genre. Determinism. Ethical.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 NA TRILHA DO NATURALISMO .....</b>	<b>10</b>
1.1 Contexto Histórico.....	10
<b>2 ESTEREÓTIPO DE GÊNERO .....</b>	<b>19</b>
2.1 Conceituando gênero.....	19
2.1 Os estereótipos.....	24
<b>3. A natureza dicotômica das personagens.....</b>	<b>29</b>
3.1 A fera de duas faces: Amaro (Bom Crioulo).....	29
3.2 Os estereótipos de gênero na obra.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, a sociedade europeia apresentava algumas mudanças significativas. A civilização burguesa, industrial e materialista, firmava-se em ideologias liberais, acarretando agitações políticas em vários países. Nesse contexto, as cidades industriais começam a crescer, atraindo grande número de pessoas que trabalharia como operários, que começam criar associações.

Nesta época, não houve somente mudanças no campo econômico, como também nas ciências naturais, que começa a desenvolver estudos voltados para métodos de experimentação e observação da realidade, passando a ser considerados a única maneira de explicar o mundo.

É nesse período de grandes mudanças que Émile Zola, em 1876, inaugura o Naturalismo no mundo ocidental, com a publicação do romance *Thérèse Raquin*.

Influenciados pelas teorias das ciências, os escritores naturalistas, acreditavam que o ser humano era apenas um produto biológico, em que seu comportamento decorria do ambiente social e da hereditariedade fisiológica. Assim, entendiam que o ser humano teria sempre as mesmas reações, ou seja, agiria de maneira instintiva.

Além disso, os autores naturalistas são antimônárquicos, anticlericais, criticavam o capitalismo e o puritanismo sexual. Mas, ideologicamente, influenciados pelas ciências vigentes, na época, eram adeptos do determinismo.

Estas ideologias defendidas pelos autores naturalista, perpassam também no construto dos estudos que justifica a importância da discussão do gênero e seus estereótipos socialmente e historicamente construídos, a partir destas justificativas do determinismo biológico.

O estereótipo de gênero é um tema presente de maneira aparente na obra naturalista, *O Bom Crioulo* (2014), de Adolfo Caminha, mostrado por meio da relação homoafetiva entre Aleixo e Amaro, em que os papéis sociais do homem e da mulher são estereotipados, através das descrições das personagens. Estes estereótipos de gênero na obra são consequências das próprias ideologias científicas e sociológicas que influenciaram o movimento naturalista.

Destarte, este trabalho tem como objetivo geral trabalhar analisar, na obra *O Bom Crioulo* (2014), de Adolfo Caminha, os estereótipos de gênero na relação amorosa entre Amaro e Aleixo. O objetivo específico é identificar os estereótipos

masculino/feminino nas descrições físicas e comportamentos de Amaro e Aleixo ao longo da narrativa. A pesquisa é de cunho bibliográfico analítico. O estudo justifica-se pelo fato de a obra ainda não ter sido analisada nesta perspectiva. Utilizamos como principais bases teóricas, os estudos de Beauvoir (1970), Bourdieu (2002) e Socott (1995) entre outros autores.

O presente trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, tratamos sobre o Naturalismo para contextualizar a obra; no segundo, trazemos uma explanação sobre os conceitos de gênero e estereótipos; no terceiro, analisamos como as características do Naturalismo, os estereótipos de gênero e éticos são apresentados no *corpus*.

## 1 NA TRILHA DO NATURALISMO

### 1.1 Contexto Histórico

A maneira como o homem via o mundo, durante o século XIX, foi marcada por ideias advindas do Cientificismo e outras correntes filosóficas mais difundidas na época. As correntes de pensamentos que ganharam repercussão foram o determinismo e o Darwinismo social e influenciaram teorias defendidas por sociólogos e antropólogos, durante o período. Logicamente, alcançou também outras áreas do conhecimento como a literatura e a arte.

Tal perspectiva, frisamos que ao tratarmos a literatura como um objeto de estudo e para compreendermos o contexto da obra, é relevante observarmos questões externas à obra que influenciaram a escrita do autor, neste caso, nos referimos às questões sociais e políticas que marcaram o contexto histórico do texto. Conforme assevera Antônio Cândido a Literatura é “um produto humano, histórico, social, evolutivo das nossas faculdades estéticas” (1978, p. 96).

Primeiramente, o Naturalismo surgiu na França, com repercussão em outros países europeus, nos Estados Unidos e no Brasil (SENRA, 2006). O movimento Naturalista, seguindo os preceitos científicos que o influenciou, defendia a ideia de que apenas as leis da natureza seriam válidas para explicar o mundo e de que o comportamento do ser humano era determinado unicamente pelos aspectos biológicos e sociais.

Em comparação ao Realismo, o Naturalismo, a escrita naturalista busca retratar a realidade de maneira bem mais objetiva e fiel:

Influenciados pelo Positivismo de Auguste Comte e pela Teoria da Evolução das Espécies de Darwin, os naturalistas enxergam e reproduzem a realidade sob uma ótica totalmente científica. Sua visão de mundo é guiada por princípios como objetividade, imparcialidade, materialismo e determinismo. Ao contrário da maioria dos movimentos literários, o Naturalismo teve uma figura intelectual em sua liderança – Émile Zola. O ano de 1880 foi um marco para o movimento, pois foi o ano em que o escritor publicou a coletânea de ensaios *O romance experimental*, onde define os princípios básicos do movimento (SENRA, 2006, p.5-6).

As teorias científicas como o Darwinismo e, especialmente, o Determinismo, que marcam as características do Naturalismo, são bastantes presentes da obra *O Bom-Crioulo* (2014), principalmente na maneira como o narrador refere-se a Amaro, descrevendo suas características físicas e comportamentais.

Os escritores mais conhecidos desta escola literária foram Adolfo Caminha, Inglês de Souza e Aluisio Azevedo. Este, segundo Senra (2006), escreveu a considerada obra-prima do Naturalismo no Brasil, *O Cortiço*.

Podemos citar como uma característica naturalista comum entre *O Bom Crioulo* e *O Cortiço* a ideia de que a raça é um fator determinante na personalidade de um indivíduo. *O Cortiço* é uma obra que traz uma carga ideológica muito forte e sustenta de maneira coesa em sua narrativa, abordando a questão da superioridade da raça branca, exemplificada pelas personagens Jerônimo e João Romão:

Jerônimo é um homem extremamente responsável, trabalhador, fiel à esposa e devotado pai de família. Todavia, ao apaixonar-se perdidamente pela mulata Rita Baiana, Jerônimo muda totalmente seus hábitos: passa a beber, fumar, freqüentar os pagodes, torna-se irresponsável e, por fim, abandona a esposa e a filha. Essa transformação do personagem traz à tona muitos elementos que evidenciam o compromisso da obra com a ideologia evolucionista e positivista do referido período. Num primeiro momento tem-se a oposição entre Jerônimo, um personagem branco europeu dotado de um caráter moral visto como quase perfeito, e Rita Baiana, uma mulata brasileira, caracterizada ao longo da obra como extremamente promíscua, lasciva, dada a pagodes e festas. Ao se aproximar de Rita Baiana, Jerônimo adquire as características comportamentais dos indivíduos do meio em que Rita vive. Outrora superior, “o português abasileirou-se”, como nos diz o próprio narrador, e “inferiorizou-se” ao equiparar-se ao mulato brasileiro. Já João Romão dá ao leitor um exemplo oposto: enquanto Jerônimo aproxima-se do elemento mestiço brasileiro, João Romão apenas se afasta de Bertoleza, a negra escrava que lhe servia por anos e que também era sua amante. João Romão ascende socialmente ao afastar-se de Bertoleza e decidir casarse com uma moça branca como ele, enquanto Jerônimo decai socialmente ao abandonar a esposa branca e juntar-se a uma mulata. Esses dois exemplos ilustram o quanto os intelectuais do século XIX não crêem na possibilidade de desenvolvimento do Brasil, já que em nenhum deles o elemento brasileiro (representado pelo mulato) opera alguma forma de evolução social (SENRA, 2006, p. 17-18).

Veremos que a imagem negativa, inferiorizada do negro, está presente da obra de Caminha (2014). Em alguns momentos, o narrador compara o físico e as atitudes de Amaro a um animal, descaracterizando a humanidade da personagem e ao mesmo tempo reafirmando o determinismo social.

Destarte, o Naturalismo no Brasil expõe um problema referente à identidade nacional, isto porque, com base nas teorias raciológicas vindas da Europa, a ideologia social da época acreditava que o crescimento do Brasil só era proporcionado pelo branco, já que o mestiço não tinha a predisposição para o progresso socioeconômico que tinha o branco (SENRA, 2006). Essa problemática é metaforizada na obra de Aluísio Azevedo, mostrando o impasse socioeconômico na transição escravagista para a capitalista, importava-se mão-de-obra europeia com o objetivo de “branquear” a população no Brasil (SENRA, 2006).

Desta transição surge, no Brasil, o mito do país da mestiçagem, em que nosso país é tido como um território que une as três raças: índio, negro e branco. Todavia, há uma incoerência quanto a este discurso:

Entretanto, ao mesmo tempo que o pensador brasileiro assume o mestiço como grande representante da identidade nacional, este mesmo pensador assimila as teorias que pregam que esse mestiço é inferior ao branco. O resultado dessa combinação de idéias é um pensamento pessimista do ponto de vista sócio-político que não permite horizonte algum em termos de desenvolvimento do país. Como visto em *O Cortiço*, a literatura naturalista tem como proposta assumir e difundir tal discurso ao máximo (SENRA, 2006, p.18-19).

Nota-se uma questão de assimilação, o discurso quanto a sua pertinência. Neste sentido, Tadei (2002) afirma que a miscigenação étnica no Brasil foi uma forma da colonização portuguesa esconder a sua real intenção, tornar os colonizados em corpos dóceis, povos passivos. Pois, a formação híbrida leva a ideia de aceitação da “raça inferior”:

Na condição de dispositivo de poder, o dispositivo de mestiçagem envolve um conjunto heterogêneo de elementos: discursos, ações, leis e programas de instituições. De forma mais específica, ele pode ser entendido como um conjunto de saberes e de estratégias de poder que atua sobre nossa identidade nacional, tendo por objetivo integrar e tornar dóceis as etnias que estão na raiz de nossa nacionalidade (no caso os indígenas do continente e os negros africanos) (TADEI, 2002, p. 3).

A partir desta visão, a mestiçagem é um instrumento de poder que determina ações e saberes, com o objetivo de manipular o outro inferior. Dessa forma, a mestiçagem não é algo natural, mas é caracterizada como um dispositivo de poder, justificando as atitudes discriminatórias.

O Naturalismo mostrou o negro como um personagem de destaque, com maior importância na obra, segundo Senra (2006), foi a primeira manifestação literária do Brasil em que possibilita um espaço de miscigenação de três raças.

Naturalismo no Brasil tem início no penúltimo decênio do século, marcado por vários acontecimentos sociais e políticos, o da Abolição e da República. No que tange a cronologia história do Naturalismo, teve um período curto, em que *O Mulato*, de Aluisio Azevedo, em 1881, marca oficialmente seu início. Conforme Sondrê (1965), há várias características do naturalismo em tal obra:

[...] o anticlericalismo, em primeiro lugar; a pressão do meio, em segundo — sendo o indivíduo fruto de instituições fundadas na injustiça teria de ser mau por fatalidade — e, finalmente, como sinal visível, ostensivo, a conceituação da mulher, prêsca da fisiologia, submetida sem remédio, vítima de si mesma (SODRÊ, 1965, p.178).

O Naturalismo brasileiro atinge o apogeu, em 1890, com o lançamento de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (SODRÊ, 1965). Já no começo do século XX, as premissas científicas que influenciaram o movimento foram sendo contestadas, por esta razão, acabou criando-se uma atmosfera de que o Naturalista foi apenas uma parte do período Realista (SENRA, 2006).

Assim como o Romantismo ia de encontro ao movimento literário anterior, o Classicismo, o Naturalismo contrapunha-se ao Romantismo, entre as características podemos citar:

[...] diminuição da personalidade do autor, exuberante no Romantismo; numa observação mais rigorosa e até presumidamente inspirada em métodos científicos; numa representação mais fiel do observado, reduzindo ao mínimo a idealização romanesca; no menosprezo dos constantes apelos à sensibilidade do leitor, pelo abuso do patético; na invasão, não só do romance, mas de todos os gêneros literários, pelo espírito crítico, que era principalmente o do tempo. Tudo isto revia o momento, da prevalência das ciências exatas e de uma filosofia inspirada de seus métodos e baseada nos seus resultados sobre a metafísica eclética do princípio do século (VERÍSSIMO, 1969, p.157).

Em relação ao Naturalismo brasileiro, Veríssimo (1969) afirma que em comparação ao francês, não contribuiu para o movimento, já que não trouxe nenhum acréscimo, não teve uma marca genuinamente brasileira. Para o autor, o Naturalismo brasileiro seria uma produção em série de Émile Zola e o seu discípulo português Eça de Queirós:

O nosso naturalismo, que foi uma das resultantes do modernismo, nada inovou ou sequer modificou no naturalismo francês seu protótipo. Ao naturalismo inglês, anterior a este, e ao mesmo tempo tão sóbrio e distinto, ficou de todo alheio. Apenas se lhe vislumbra o contágio na ficção de Machado de Assis. Mas estreitamente ainda que o nosso Romantismo seguira o francês, arremedou o naturalismo indígena o naturalismo da mesma procedência modelando-se quase exclusivamente por Émile Zola e o seu discípulo português Eça de Queirós. De novelas, contos, curtas e ligeiras ficções e ainda romances, segundo a fórmula pessoal destes dois escritores, houve aqui fartura deste 1883 até o rápido esgotamento dessa fórmula pelos anos de 90, quando ela se não procrastinou em exemplares em suma melhor (VERÍSSIMO, 1969, p.157).

Por essa razão, atribui uma das razões das quais o Naturalismo no Brasil não durou por mais tempo. Além disso, enquanto que na França, o movimento já estava em declínio, com ideias já ultrapassadas, seria uma espécie de importação de “produto velho”, em que não há nenhuma adição, mas apenas reproduções gastas:

O principal demérito do naturalismo da receita zolista, já, sem nenhum ingrediente novo, aviada em Portugal por Eça de Queirós e agora no Brasil por Aluísio de Azevedo, era vulgarização da arte que em si mesmo trazia. Os seus assuntos prediletos, o seu objeto, os seus temas, os seus processos, a sua estética, tudo nele estava ao alcance de toda a gente, que se deliciava com se dar ares de entender literatura discutindo de livros que traziam todas as vulgaridades da vida ordinária e se lhe compraziam na descrição minudenciosa. Foi também o que fez efêmero o naturalismo, já moribundo em França quando aqui nascia (VERÍSSIMO, 1969, p.158).

Todavia, o autor não só atribuiu pontos negativos ao Naturalismo brasileiro, mas também reconhece a importância do movimento:

Ele trouxe à nossa ficção mais justo sentimento da realidade, arte mais perfeita da sua figuração, maior interesse humano, inteligência mais clara dos fenômenos sociais e da alma individual, expressão mais apurada, em suma uma representação menos defeituosa da nossa vida, que pretendia definir. (VERÍSSIMO, 1969, p.158).

Segundo Veríssimo (1969), no Brasil não houve poesia que pudesse ser caracterizada como naturalista no mesmo sentido do romance, muito menos no teatro. Essa questão é justificada pelo autor pelo fato de as poesias da época apresentarem um vício, mesmo que pequeno, do idealismo, sendo incompatível com o Naturalismo, afirmando não haver uma poesia genuinamente naturalista:

A poesia brasileira contemporânea da romântica naturalista foi, como ficou averiguado, o parnasianismo, e, com manifestações minguadas e somenos, a alcunhada poesia científica, que de poesia só teve o exprimir-se em versos, geralmente ruins (VERÍSSIMO, 1969, p.159).

Segundo Sodré (1965), os realistas, reagiram contra as normas românticas, mas não se enquadrariam aos rigores naturalistas, marcando os sintomas de decadência: “Flaubert, no romance; Renan, na crítica religiosa; Taine, na história e na teoria da literatura” (p.28). Mesmo assim, o naturalismo era tido como um reforço as ideias do Realismo:

Os naturalistas não fizeram mais do que aprofundar e sistematizar, caracterizando-se claramente, aqueles sintomas. A simples busca de suportes científicos, destinados a conferir grandeza ao que não a podia conter em si mesmo, correspondia a uma confissão de fraqueza: era preciso encontrar, fora da arte literária, algo suplementar, que a reforçasse, que lhe consolidasse a estrutura, como que lhe constituindo os fundamentos. A aceitação de que a realidade se resumia naquilo que era perceptível pelos sentidos existia já entre os realistas que preludiam o Naturalismo (SODRÊ, 1965, p. 28).

Como mostrará Sodré (1965), apesar do Naturalismo e Realismo compartilharem algumas características, distanciando a ideia de que um movimento literário irá sempre ir de encontro ao antecessor, apresentam diferenças:

[...] na seqüência da exposição, surgem as características do naturalismo e, portanto, as diferenças entre as duas “escolas”: caracteres do realismo: procura apresentar a verdade; procura essa verdade por meio do retrato fiel de personagens; encara a vida objetivamente; fornece uma interpretação da vida; retrata a vida contemporânea; retira a maior soma de efeitos do uso de detalhes específicos; sua narrativa move-se lentamente; apoia-se sobretudo nas impressões sensíveis. Se isso é o realismo, que é o naturalismo? [...] “o realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade” (SODRÊ, 1965, p. 28).

Apesar de Veríssimo (1969) afirmar que o Naturalismo brasileiro não acrescentou em nada o movimento, Sondrê (1965) reconhece a importância desta escola literária, relacionando-a ao contexto sócio-histórico, mas ainda considera infrutíferos alguns ajuizamentos negativos ao Naturalismo feitos de maneira descontextualizadas:

O naturalismo não foi desimportante, não foi inútil, não resultou de caprichos pessoais e de deformações sem causa. Pelo contrário, estêve vinculado ao seu tempo, foi uma das formas como a época se revelou, denunciando as suas características. Pode ser julgado de uma maneira ou de outra, mas precisa, antes, ser compreendido. Não há, para compreendê-lo, como situá-lo historicamente. As análises a que só os elementos formais concorrem, os julgamentos meramente estéticos, o isolamento entre o patrimônio naturalista e o tempo em que ele foi construído, conduzem, inevitavelmente, ao erro. Não é essa a tarefa da história nem a da crítica. Aqui cabe, mais uma vez, e nunca é demasiado repetir, que não basta saber, é preciso compreender. O naturalismo foi produto específico de uma época e, de certo modo, retratou-a: surgiu, entre ele o meio, uma relação dialética, como em todos os fenômenos, e fora da qual seu julgamento é uma deformação grosseira (SODRÊ, 1965, p.36).

## 1.2 No caminho de Caminha

Adolfo Caminha é um dos grandes nomes do Naturalismo brasileiro. Nasceu em Aracati, no Estado do Ceará, presenciou a seca da região, em 1877. Órfão de mãe aos 10 anos de idade. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Escola Naval aos dezoito anos, tida como uma instituição monarquista e conservadora. Todavia defendia ideais republicanos e abolicionistas, escrevendo sobre tais temas na *Gazeta de Notícias*, como o artigo sobre o castigo corporal na Marinha, sob o título “A Chibata”.

Ao retornar a Fortaleza, envolveu-se em um escândalo, tendo um caso amoroso com a esposa de um comandante da Marinha, fazendo com que deixasse a corporação.

Em 1892 volta ao Rio de Janeiro e integra a Padaria Espiritual, um grupo de escritores naturalistas. A partir deste contexto, Adolfo Caminha começa a publicar suas obras mais conhecidas *A Normalista* (1893) e *O Bom Crioulo* (1895). Morre jovem, aos 29 anos, vítima de tuberculose.

Adolfo Caminha escreveu *A Normalista* (1893) nos seus vinte e cinco anos. O romance esgotou-se em poucos meses. Deixou algumas contribuições relevantes acerca do Naturalismo, em sua colaboração para *O País* e a *Gazeta de Notícias*, escrevendo as *Cartas Literárias*, muito discutidas ao tempo (SODRÊ, 1965).

Sobre as obras naturalistas que mais marcaram a Literatura Brasileira Sodrê afirma:

*O Bom Crioulo*, de 1895, atinge aquela grandeza trágica que o naturalismo só conheceu com *O Cortiço*. Claro que não em tôdas as páginas, mas nas melhores, e o fato está em que o autor conseguiu, tratando um assunto dos mais difíceis, o homossexualismo, fazer girar em torno do tema central uma série de aspectos laterais de interesse destacado, inclusive aquele que tanto o preocupara, do castigo corporal na Marinha. Lúcia Miguel Pereira fez justiça ao livro de Adolfo Caminha quando o analisou assim: “Mas esse livro, ousado na concepção e na execução, forte e dramático, humano e verdadeiro, é, a despeito dos senões apontados, com *O Cortiço*, o ponto alto do naturalismo (1965, p.192).

Apesar de *O Bom Crioulo* (1895) abordar um tema bastante polêmico para a época, sendo um ato bastante corajoso e ao mesmo tempo afrontoso, tal obra é sempre comparada com a de Aluísio de Azevedo, estando na sombra de suas obras, como a escrita azevediana fosse mais naturalista. Consideramos que a importância da obra não deve ser reduzida apenas as características que carregam da escola literária, mas sim, outras questões devem ser consideradas.

### 1.2.1 Conhecendo o corpus

*O Bom Crioulo* (1895) é tida como uma das obras mais polêmicas da literatura brasileira, considerando seu contexto sócio-histórico, pois foi a primeira vez que a homosssexualidade entre homens foi abordada de maneira clara.

Não trata apenas de um romance entre dois homens, mas uma história de amor gay em um universo conservador, o da Marinha Brasileira, descrevendo o desejo e o ato sexual de forma bem direta.

O personagem principal é Amaro, um escravo foragido que foi aceito na Marinha devido a sua força física e bons modos, era querido pelos comandantes. Por essa razão, ganhou o apelido de Bom Crioulo. Todavia, este lado dócil de Amaro mudava quando entregava-se às bebidas alcoólicas, tornando-se nervoso e agressivo.

Em uma de suas viagens pela Marinha, conhece o jovem Aleixo, por quem se apaixona. A trajetória do casal é marcada pela opção sexual dúbia de Aleixo e o ciúme de Bom Crioulo.

## 2 ESTEREÓTIPO DE GÊNERO

### 2.1 Conceituando gênero

Neste capítulo, apresentaremos os principais estudos acerca do gênero para posteriormente relacioná-lo com o estereótipo. A palavra “gênero” gramaticalmente refere-se a pessoas de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, todavia, nas últimas décadas, o termo assumiu outras características, por influência da literatura feminista, a qual incorporou a ideia de cultura, considerando o âmbito social, contrapondo-se a ideia de “sexo”, que está restrito ao aspecto biológico (ARAÚJO, 2005, p.2).

Segundo Scott (1995), o uso mais recente do termo “gênero” aparece primeiro entre as feministas americanas que desejavam atribuir um caráter fundamentalmente social das distinções fundamentadas no sexo. Neste enfoque, o termo apontava para uma rejeição ao determinismo biológico tácito na utilização de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero também perpassava o aspecto relacional das definições normativas do que seria descrito como feminino.

Apesar deste grande avanço quanto as questões referentes ao gênero, há um ponto que precisa ser considerado, neste caso, é preciso, estudar o gênero de maneira relacional e não separadamente:

As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado. [...] deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la” (SCOTT, 1995, p.72).

A proposta de estudar o gênero era justificada pela concepção de que a pesquisa sobre as mulheres poderia mudar fundamentalmente os paradigmas

disciplinares. Dessa maneira, as pesquisadoras feministas entendiam que o estudo das mulheres acrescentaria novos temas, contribuindo para um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico da época (SCOTT, 19915).

Neste momento inicial, esta proposta metodológica implicava em uma nova história sobre mulheres como também uma nova história, que iria contribuir para “a experiência das mulheres e dela dar conta dependia da medida na qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise” (SCOTT, 1995, p. 73).

Não pensemos que estes estudos iniciais sobre a questão de gênero não consideraram outras problemáticas quanto papéis sociais, pois, as pesquisadoras feministas tinham uma visão política mais global, considerando outras categorias relevantes para a escrita de uma nova história.

O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava, em primeiro lugar, o envolvimento do a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão e, em segundo lugar, uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos (SCOTT, 1995, p. 73).

Os eixos classe, gênero e raça se relacionam entre si no que tange ao aspecto social, são minorias que carregam consigo historicamente a desigualdade, subordinadas a uma relação de poder, solidificada ao longo do tempo pelo lado favorecido socialmente dos três eixos: o rico, o branco e o homem.

Em relação ao uso do termo gênero, Scott (1995) afirma que é utilizado como sinônimo para mulheres, usado também para sugerir que o estudo da mulher implica diretamente no estudo do homem, já que qualquer assunto referente ao universo feminino levará, conseqüentemente, ao universo masculino. Essa forma de utilizar tal termo, desmistifica a ideia de que a experiência de um sexo não se relacione com o outro. O termo "gênero" também é usada para referir-se as relações sociais entre os sexos, desconsiderando o aspecto biológico, pois, tal visão científica foi utilizada como argumento para justificar a subordinação da mulher, do negro e outros grupos minoritários. Rejeitando estas concepções, o "gênero" passa a indicar "construções culturais".

Outra autora que trata sobre o gênero é Beauvoir, uma das suas obras mais conhecidas da autora, sobre o tema, é *O Segundo Sexo* (1970). No primeiro volume

do livro, a autora faz uma análise das relações de gênero considerando vários aspectos, entre eles: o biológico, o psicanalítico e o materialismo histórico.

Na discussão sobre gênero, no prisma da Biologia, a autora mostra as diferenças fisiológicas entre a mulher e o homem, em que o corpo feminino é estigmatizado de maneira negativa, apresentando uma força muscular inferior, capacidade respiratória inferior e outras características (peso, tamanho do cérebro, comprimento dos órgãos etc.) que ao comparados ao corpo masculino eram sempre definidos como inferior: “A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos” (BEAUVOIR, 1970, p. 55).

A questão das diferenças anatômicas não é desconsiderada pela autora, mas assevera que estas questões por si só não apresentam sentido:

[...] no momento em que o dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a "fraqueza" só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe (BEAUVOIR, 1970, 55).

Para a autora os dados biológicos não são suficientes, muito menos são argumentos sólidos que justifiquem a superioridade masculina, pois as diferenças biológicas são somente fatos. Destarte, a real importância do que estes fatos significam, já que é preciso referências socioeconômicas para que a ideia de “fraqueza” e “inferioridade” sejam construídas e relacionadas à mulher: “o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir” (BEAUVOIR, 18970, p. 57). Por esta razão, assim como Beauvoir entende que os papéis propostos a cada sexo são produtos da construção social e não tem um fundamento científico determinante, pois a subjugação é construída socialmente, por isso, não tem fundamento justificá-la pelo véis biológico.

Na visão psicanalítica, a autora mostra o estudo da mulher na perspectiva de Freud e Adler, que aborda sexualidade masculina de forma mais enfática do que a feminina, pois, a libido é apresentada como energia sexual de essência masculina, apesar de estar presente em ambos os sexos, deixando claro também que:

Esta desenvolve-se primeiramente, pensa êle, de maneira idêntica nos dois sexos: todas as crianças atravessam uma fase oral que as fixa ao seio materno, em seguida uma fase anal e atingem finalmente a fase genital: é então que se diferenciam (BEAUVOIR, 1970, p. 60)

Na ótica do materialismo histórico, para tratar da condição da mulher, Beauvoir (1970) considera especificamente *A Origem da Família* de Friedrich Engels. Na referida obra, o autor trata da relação de poder do homem com a propriedade privada, no processo de fixação desta, o homem começa a ter domínio sobre outros homens como também se torna proprietário da mulher. Para esta, lhe é atribuída trabalhos domésticos que não são valorizados, assim: “a opressão social que sofre é a consequência de uma opressão econômica” (BEAUVOIR, 1970 p. 75).

Sobre este prisma, conforme Engels, a igualdade entre o homem e a mulher só será possível quando ambos tiverem os mesmos direitos jurídicos, isto só será possível quando a mulher se envolver com a atividade pública.

Para Beauvoir (1970), a visão socialista de Engels de que a divisão sexual do trabalho era responsável pela desigualdade entre homem e mulher não explica a opressão da mulher, ou seja, a oposição dos sexos apontada como um conflito de classes não é um argumento sustentável, pois não considera pontos relevantes como aspectos que envolve somente as mulheres, a relação dela com o homem e as condições sociais impostas a elas.

No contexto da Revolução Burguesa, as mulheres tinham que ser bonitas, eram tidas como um troféu a ser exibido pelo homem (BEAUVOIR, 1970). Desde o patriarcado, o homem é visto como o ser dominador e a mulher é o Outro que veio do homem, deriva dele, para ele (BEAUVOIR, 1970).

No que diz respeito a relação de dominação na relação de gênero, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, contribuiu com conceitos baseados na sociologia e antropologia. Em seu livro *A dominação masculina* (2002), trata da violência simbólica, *habitus* e arbitrário cultural, tais conceitos são estendidos para uma análise de gênero. Entretanto, a obra não trouxe nenhum conceito de gênero propriamente, mas seu estudo acerca do masculino e do feminino dialoga com as obras de Beauvoir e Scott.

Bourdieu (2002) compreende a questão da dominação masculina a partir de uma ótica simbólica, no sentido de que esta dominação seria uma forma de violência simbólica, explicando como poder impõe significações, tornando a dominação

legítima, ou seja, a manutenção do poder é camuflada nas relações de forma que influência nossa maneira de pensar e de agir do mundo.

Para a questão de gênero, essa perspectiva é bastante contributiva, já que estamos discutindo justamente as formas que marcam as relações de poder concebendo o masculino e o feminino. Bourdieu (2002), mostra que o modo de pensar é pautado pelas dicotomias e oposições:

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) etc., que, para alguns, correspondem a movimentos do corpo (alto/baixo//subir/descer, fora/dentro// sair/entrar) (BOURDIEU, 2002, p.16).

Essas formas dicotômicas baseadas em oposição se naturalizam, tornando-se premissas universais:

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as "naturalizam", inscrevendo-as em um sistema de diferenças (BOURDIEU, 2002, p.6).

A partir dessa citação, o sociólogo mostra que a biologia e o corpo são usados como justificativa para legitimar as desigualdades entre os sexos, em que a dominação é naturalizada através dos traços distintos entre o homem e a mulher. Como vimos, esta questão também é abordada por Scott e Beauvoir.

Conforme D'amorim (1997), para estudar estereótipos de gênero é preciso definir o seu papel. Neste sentido, primeiramente, deve haver uma clareza quanto as diferenças entre sexo e gênero. O primeiro termo, refere-se a questão genética, ou seja, a composição cromossômica de cada pessoa, conseqüentemente, está ligada ao órgão sexual reprodutor com o qual indivíduo nasceu. A autora verifica que o significado do termo sexo foi ampliado de maneira a abranger também características intrapsíquicas e comportamentais consideradas típicas de mulheres e dos homens.

Neste sentido, para D'Amorim (1997) há uma confusão feita por muitos autores quanto a utilização dos termos “sexo” e “gênero”:

O que se verifica é que, embora se fale de diferenças de sexo ao nos referirmos a determinados traços de personalidade, estamos, na verdade, utilizando um construto simbólico de caráter social, cuja base são os valores do grupo. Esta confusão levou os autores mais recentes a preferirem o termo gênero, ao falarem de aspectos psicológicos e comportamentais; a distinção torna menos provável a atribuição sistemática das diferenças encontradas entre mulheres e homens a fatores biológicos (D'AMORIM, 1997, p. 121).

A partir desta distinção, D'Amorim define gênero como a soma das características psicossociais apontadas como apropriadas a cada grupo sexual, “sendo a identidade de gênero o conjunto destas expectativas, inicializado pelo indivíduo em resposta aos estímulos biológicos e sociais” (D'AMORIM, 1997, p. 121).

## 2.1 Os estereótipos

Quanto a origem do termo, *estereótipo* vem do grego (*steros* + *typos*), seu uso é recente, data do século XIX, a partir de uma evolução na técnica de impressão vigente na época. Firmin Didot aboliu a impressão a partir dos símbolos removíveis, de Johannes Gutenberg, e desenvolveu a impressão por meio de placas inteiras de metal fundido, técnica chamada *estereotipia* (BRITO; BONA, 2014).

Nas placas estavam geralmente gravadas toda uma página de um livro, podiam assim ser copiadas e reutilizadas, o que conferiu à impressão e à imprensa, uma velocidade de produção muito maior (BRITO; BONA, 2014). Assim, estereótipo era o nome desta placa metálica que revolucionou a forma de impressão.

A partir dos anos 20 que o termo deixa de ser utilizado como nome de um objeto e passa a ser usado pela primeira vez como uma abstração. Na verdade, nova forma de impressão é utilizada como uma forma metafórica de explicar como são concebidas as relações de grupos sociais:

Na obra *Opinião Pública* (1922), o publicitário norte-americano Walter Lippmann emprega o termo *stereotypes* como as imagens pré-concebidas que mediam nossa relação com a realidade [...]. A ligação entre o estereótipo de Didot e o de Lippmann é o caráter de

imutabilidade que tanto a placa de metal quanto as imagens pré-concebidas (ou somente recebidas) assumem. Para Lippmann, o estereótipo é então uma impressão que marca determinantemente as relações sociais (BRITO; BONA, 2014, p.17).

Estas impressões que determinam as relações sociais não são fixas, pois mudam conforme o contexto e intenção de quem as cria ou de quem se apropria destas imagens concebidas previamente, por isso, podem e devem ser reavaliadas e remodeladas (BRITO; BONA, 2014).

Dessa feita, estereótipo é um “tipo social”, ou seja, uma representação comum colocada em larga circulação, todavia não necessariamente condiz com a realidade que “existe somente enquanto representação social de um dado real” (BRITO; BONA, 2014, p.17).

Para uma maior compreensão do estereótipo como representação de um dado real, vejamos o exemplo trazido por Brito e Bona:

No exemplo de Jameson, o discurso socialista seria, nos seriados de TV, sempre proferido pela figura de um radical. É sabido que nem sempre isso procede: um socialista não é necessariamente um radical. Esse estereótipo, porém, se encaixa bem na mídia norte-americana, que tradicionalmente rechaça os discursos de esquerda (BRITO; BONA, 2014, p.18).

Como os estereótipos partem de um dado real, não que refiram a realidade, como já foi mostrado anteriormente, aparentam condizer com a verdade, pois utilizam de um fato social real para criarem uma imagem fictícia, que não é gratuita, não é criada de maneira inconsciente pela sociedade, mas servem de argumentos para alguns grupos hegemônicos.

Neste sentido, os autores Brito e Bona (2014) levantam um questionamento quanto ao estereótipo “a quem servem?”. Sobre essa questão trazem a seguinte explicação:

O próprio Jameson responde a essa questão alguns anos depois em um artigo publicado na Argentina com o título *Sobre los “Estudios Culturales”* (1998), no qual o autor define estereótipo de forma simples, direta, e muito satisfatória. Para ele, um estereótipo é o lugar de um *superávit ilícito de significado* (1998, p. 106). Sendo assim, ele é o índice de “inchaço” na cadeia significante, algo cujo tamanho e cujas consequências vão além do que se espera. Retomando o mesmo exemplo de Jameson, definir um socialista é uma tarefa

delegada aos dicionários e às enciclopédias (BRITO; BONA, 2014, p.18).

Normalmente, toma-se como verdade, na mídia norte-americana, que socialistas são radicais. Para os autores, “grau paralelo entre socialismo e radicalismo é justamente o quê ilícito” (BRITO; BONA, 2014, p.18), isto porque o grupo oposto irá definir o que o outro é, neste sentido, pergunta-se qual o objetivo de dizer quem é o outro sem a sua anuência: [...] porque não autorizado pelos socialistas em si – ao qual Jameson se refere. Eis então a questão que permeia os estudos de estereótipo atualmente: pensar quem confere a um objeto tal superávit ilícito, e por quê (BRITO; BONA, 2014, p.18). Na colocação dos autores, este porquê é de ordem política, que disseminou a ideia de que o socialismo é radical em uma sociedade patriota que não tinham uma grande representatividade quanto aos grupos de esquerda, por esta razão, os opositores deste posicionamento político, facilmente tomaram o estereótipo como verdade, “transformando o indivíduo socialista em um “tipo social”, em *socialista, logo radical*” (BRITO; BONA, 2014, p.18).

Através deste exemplo é perceptível perceber que existe uma intenção em estereotipar um determinado grupo social por questões de ideologias políticas. Desta feita, os autores ampliam a problemática para outros campos, mostrando que da mesma forma como ocorre a estereotipização da esquerda americana, ocorre também nas esferas de discussão de sexo, classe e povo etc:

Os relatos nos quais são descritos os encontros entre povos diferentes nos mostram que os estereótipos foram constituídos há tempos imemoriáveis. É, porém, com a expansão ultramarina europeia que os relatos das expedições ganham mais força: havia um público europeu ansioso por saber o que havia fora da Europa (BRITO, 2012). Nesse sentido, os inúmeros relatos, largamente produzidos e traduzidos entre os séculos XVIII e XIX, influenciaram fortemente o imaginário europeu acerca dos povos das Américas, da Austrália, e mesmo da África e da Ásia (*idem*). Em um momento de fortes laços em formação entre povos marcados por diferenças étnicas, indumentárias, religiosas, climáticas etc., foi de certa forma importante estabelecer barreiras entre o *eu* e o *outro* (BRITO; BONA, 2014, p.19).

Dessa maneira, o estereótipo configura-se como uma ferramenta de distinção entre grupos sociais diferentes. Estereotipar o diferente seria uma forma de reafirmação a si e de pertencimento ao seu grupo social puro.

Esta diferenciação não perpassa a questão da alteridade, não enxerga o grupo social diferente como indivíduos que devem ser respeitados em suas distinções sociais, mas essas demarcações de diferenças sociais são usadas como justificativas para legitimar preconceitos:

Nesse sentido, o estereótipo assume uma função isenta de maniqueísmos por ser um “movimento natural” no âmbito da psicologia social. É sabido, porém, que esse movimento de diferenciação efetuado quando do contato entre povos desde o século XIV tem consequências até hoje, facilmente observadas, por exemplo, em manifestações do racismo ou da xenofobia. A questão da relativização do conceito se faz mais uma vez presente, pois, ainda que a motivação de sua elaboração não seja intencional, a apropriação (para Fairclough, a circulação e o consumo) desses estereótipos tem consequências que vão muito além da diferenciação de grupos. Pensar o estereótipo como um vetor necessário de diferenciação é algo útil à psicologia social, e funcional se pensarmos apenas em seu contexto de produção (BRITO; BONA, 2014, p.19).

Assim, no que tange as representações sociais, os estereótipos são produtos da interação social carregados de irracionalidade, vulnerabilidade. Funcionam como uma percepção distorcida da realidade, todavia, por partirem de fatos sociais adquirem um grau de estabilidade e, conseqüentemente, de convencionalidade, por isso, “os torna de difícil alteração, mesmo quando os sujeitos dispõem de informações capazes de invalidar a estereotipia de determinado objeto representado” (SOUSA; BARROS; 2012, p.208).

### 2.1.2 Estereótipos éticos e de gênero

As ideias sobre estereótipos éticos têm uma grande relação com as que pairavam no contexto sócio-histórico do Naturalismo, bem como a forma com que as personagens Amaro e Aleixo são descritas na obra *O Bom Crioulo* (2014).

Para discutir os estereótipos éticos no Brasil, Sousa e Barros (2012) trazem uma pesquisa realizada na década de 50, que impacta o pensamento brasileiro sobre as relações étnicas, pois, na época, pairava o pensamento de que as relações interétnicas, não eram discriminatórias, não tendo preconceito de cor, já que o país, desde sua formação, era miscigenado. Mas, na verdade, era apenas uma forma de manter a relação de dominação/subordinação, em que o subordinado seria um corpo

dócil, já que não tinha consciência de sua condição, mascarada pela negação de discriminação e ideia de miscigenação.

Conforme D'amorim (2012, p. 122) "O estereótipo de gênero é o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas." Ou seja, são valores positivos ou negativos que são atribuídos a ambos os sexos, sejam físicos, comportamentais e emocionais.

O estereótipo masculino favorável apresenta características de competência, destreza e vigor e o desfavorável, de teimosia, imprudência, egoísmo e ganância, já o feminino favorável inclui a graça, a habilidade social e o apoio emocional fornecido, o desfavorável salienta a vaidade, futilidade e o descontrole emocional (D'AMORIM, 1997, p. 125).

Desta forma, o estereótipo de gênero são formas de definir o que venha a ser homem e mulher com base em ideias socialmente e culturalmente construídas.

A partir dos conceitos sobre gênero e seus estereótipos, passamos a discutir de que forma estas questões se apresentam no *corpus*, por meio da análise da descrição e percurso das personagens Aleixo e Amaro.

### 3. A natureza dicotômica das personagens

#### 3.1 A fera de duas faces: Amaro (Bom Crioulo)

Identificamos Amaro como a fera de suas faces pelo fato de que o narrador descreve o personagem como forte, focando nas características físicas e instintivas no aspecto comportamental, essa seria uma das faces do Bom Crioulo. A outra encontra-se no polo opositivo, apesar do porte físico era subserviente.

[...] correndo, a figura exótica de um marinheiro negro, d'olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência.

[...] um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de café, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração cadente e enervada, e cuja presença ali naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa — o BOM CRIOULO na gíria de bordo (CAMINHA, 2014, p. 8,13).

Essas faces atribuídas a Amaro relacionam com o processo de libertação dos negros na época, o fato de ser distinto e inteligente não mudava a condição de inferioridade da cor negra, por isso, era “estúpido e subserviente”.

Diferente dos outros períodos literários, a obra naturalista de Caminha (2014) enquanto experiência estético-literária trouxe o negro para um lugar de destaque na Literatura Brasileira, pois não era algo comum a presença de negros ou mestiços como personagens principais em uma obra literária. Apesar de o período romântico abordar a miscigenação racial ao tratar de um romance entre branco com o índio, por exemplo, *Iracema*, de José de Alencar, apenas em sua terceira fase, com Castro Alves, é que o negro é mencionado de forma relevante. Já no Realismo, a presença do negro se dá por meio de personagens secundários, um escravo (SENRA, 2006).

Mesmo trazendo o negro para um papel de destaque, a ele não é atribuído adjetivos positivos, muitos menos heroicizado como o índio, pelo contrário, os estereótipos éticos são ainda mais enfatizados:

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos. A força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepujando todas

as outras qualidades fisiológicas, emprestando-lhe movimentos extraordinários, invencíveis mesmo, de um acrobatismo imprevisto e raro. Esse dom precioso e natural desenvolvera-se-lhe à força de um exercício continuado que o tornara conhecido em terra, nos conflitos com soldados e catraieiros, e a bordo, quando entrava embriagado (CAMINHA, 2014, p. 14).

O estereótipo ético mostra-se quando o narrador afirma que as qualidades físicas são “intrínsecas” e “natural”, nos levando a ideia errônea de que todos os negros têm o corpo para o trabalho, e que o porte físico musculoso e forte são características na “raça” negra.

Pelo aspecto político, a Abolição inicia uma nova ordem em que o negro deixa de ser mão de obra escrava e transforma em trabalhador livre. Todavia, será considerado pela sociedade como um cidadão de segunda categoria (SODRÊ, 1965).

Outro estereótipo ético, presente na obra analisada, referente ao corpo negro é de que o porte físico robusto funciona como uma proteção natural contra os castigos físicos:

Bom-Crioulo tinha despido a camisa de algodão, e, nu da cintura para cima, numa riquíssima exibição de músculos, os seios muito salientes, as espáduas negras reluzentes, um sulco profundo e liso d’alto a baixo no dorso, nem sequer gemia, como se estivesse a receber o mais leve dos castigos. Entretanto, já iam cinqüenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. Viam-se unicamente naquele costão negro as marcas do junco, umas sobre as outras, entrecruzando-se como uma grande teia de aranha, roxas e latejantes, cortando a pele em todos os sentidos (CAMINHA, 2014, p. 15).

O Naturalismo, orientado pelo determinismo, ver o ser humano como “organismos orientados por leis puramente bioquímicas, pela noção de hereditariedade e por seu meio social” (SENRA, 2006, p. 17), comparando o homem a um animal cujo comportamento é determinado pelo meio, aproximando a sociedade a um organismo biológico vivo:

O naturalismo apresentaria uma visão da vida mais determinista, mais mecanicista: o homem é um animal, presa de forças fatais e superiores, impulsionado pela fisiologia; visão do homem pelo método científico, impessoal, objetivo, como um caso a ser analisado; inclinação reformadora; nada do que existe na natureza é indigno da literatura; amoralismo, indiferença: não importa a opinião sobre os atos, mas os atos em si mesmos (SODRÊ, 1965, p.29).

Este determinismo aparece na obra, de Caminha, através características de Amaro e seus sentimentos amorosos pelo Aleixo, bem como a relação entre os dois é sempre descrita como algo animalesco, instintivo, de natureza intrínseca na qual o indivíduo não pode abster-se por ser determinado pelo meio social e pela biologia:

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? Ao pensar nisso Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres. Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade. As mulheres o desarmavam para os combates do amor, é certo, mas também não concebia, por forma alguma, esse comércio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo; entretanto, quem diria!, o fato passava-se agora consigo próprio, sem premeditação, inesperadamente. E o mais interessante é que “aquilo” ameaçava ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a “natureza” impunha-lhe esse castigo (CAMINHA, 2014, p. 24, 34-35).

O estereótipo ético também está presente no apelido de Amaro, Bom-Crioulo, que mesmo sendo considerado bom é um Crioulo, a qual devem ter cuidado: “seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais começaram a trata-lo por Bom-Crioulo”, “[...] o Bom-Crioulo passou a ser considerado um ‘homem perigoso’” (CAMINHA, 2014, p. 17, 19).

Dessa maneira, vemos que o estereótipo ético em relação a Bom Crioulo é binário e opositivo, ao mesmo tempo que é bom também é mau por causa da sua força física determinada pela “raça” negra

Os estereótipos configuram então como um substituto, uma sombra. A cor negra é ao mesmo tempo vida e morte; bom e mau; isto ocorre porque a [...] cadeia de significação estereotípica é curiosamente misturada e dividida, polimorfa e perversa, uma articulação de crenças múltiplas [...] (BARROS; SOUSA, 2012, p. 20).

A dualidade opositiva na figura de Amaro pode ser exemplificada nas duas formas em que outra personagem, D. Carolina cita-o:

Estimava-o por isso: porque era um marinheiro valente — homem para quatro!

[...] negro é raça do diabo, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer... Aleixo bem conhecia o gênio de Bom-Crioulo. De resto, o caso do bilhete era uma tolice em que ninguém devia pensar: — Cousas de negro... (CAMINHA, 2014, p.40, 79).

Em um momento, quando o marinheiro a ajudou era um homem valente, em outro atribuí adjetivos negativos devido a sua natureza de negro, mostrando os estereótipos étnicos que a obra traz.

Além disso, a inconstância emocional de Amaro era entendida como características do negro, mas na verdade, ele tornava-se agressivo quando consumia bebida alcoólica: “Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Cousas de caráter africano...” (CAMINHA, 2014, p. 41).

### **3.2 Os estereótipos de gênero na obra**

Apesar da obra tratar de uma relação homoafetiva, os papéis sociais do homem e da mulher são marcados pelos estereótipos de gênero presentes na obra, em que Amaro é configurado como o homem da relação e Aleixo a mulher.

Como vimos, Amaro é apresentado fisicamente como homem:

Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma idéia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro (CAMINHA, 2014, p. 19).

Assim, não só assume o papel social do homem por causa das suas características físicas superiores, mas também será o que pagará as despesas do casal e protegerá Aleixo que é mais frágil:

Haviam de morar juntos, num quarto da rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo uma só, larga, espaçosa... Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com o seu soldo (CAMINHA, 2014, p. 38).

Enquanto o narrador descreve Amaro com estereótipos típicos no gênero masculino, descreve diretamente Aleixo como uma mulher, sempre comparando com características femininas estereotipadas:

A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração. Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!... (CAMINHA, 2014, p. 42,43).

A comparação de Aleixo a uma mulher não só partia de Amaro, que o via como o passivo da relação, mas também D. Carolina faz tal comparação, ao tratar da idade púbere do jovem:

Achava uma graça infinita naquele pedacinho de homem vestido de marinheiro, alvo e louro, sempre muito bem penteado, o cabelo sedoso, os borzeguins lustrosos, todo ele cheirando a essência, como uma rapariga que se vai que se vai fazendo mulher... (CAMINHA, 2014, p. 43).

Para Amaro, Aleixo era um objeto erótico que deveria satisfazer seus desejos sexuais, submetendo aos caprichos de Bom Crioulo, mesmo contra sua vontade:

— Ora, deixa-te de luxo, menino, vamos: tira a roupa... Havia luz no quarto, uma luz mortiça. no topo de uma vela de sebo. — Nem se vê nada... fez Aleixo choramingando, sem lágrimas. — Sempre há se de se ver alguma cousa... E o pequeno, submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça. Estava satisfeita a vontade de Bom-Crioulo.

— Acabou-se! tornou Aleixo depressa, impaciente já, soprando a luz. Seguiu-se, então, no escuro, um ligeiro duelo de palavras gemidas à surdina. e, quando Bom-Crioulo riscou o fósforo, ainda uma vez triunfante, mal podia ter-se em pé. Tais eram os 'desgostos' de Aleixo. Fora disso a vida corria-lhe admiravelmente, como um leve barco à feição... (CAMINHA, 2014, p. 42- 43).

Os papéis sociais proferidos as personagens trazem consigo os estereótipos de gênero historicamente construído. Conforme Beauvoir (1970), a mulher é tida para o homem como uma parceira sexual, um objeto erótico. Na época da Revolução Burguesa a única coisa que a mulher precisava ser era bonita, para servir de troféu a ser mostrado e erguido pelo homem. Neste aspecto, em relação a obra, Amaro buscava oferecer a Aleixo tudo o que necessitasse para estar aparentemente apresentado, pois, orgulhava-se de ver o jovem sendo admirado pelos outros marinheiros:

Gabando-se de conhecer “o mundo”, Bom-Crioulo cuidou primeiro em lisonjear a vaidade de Aleixo, dando-lhe um espelhinho barato que comprara no Rio de Janeiro — “para que ele visse quanto era bonito”. O pequeno mirou-se e... sorriu, baixando o olhar. — Que bonito o quê!... Uma cara de carneiro mocho! — Mas não abandonou o trastezinho, guardando-o com zelo no fundo da trincheira, como quem guarda um objeto querido, uma preciosidade rara, e todas as manhãs ia ver-se, deitando a língua fora, examinando-se cuidadosamente, depois de ter lavado o rosto. Bom-Crioulo compreendeu o efeito da experiência e tratou de completar a “educação” do marinheiro. Ensinou-lhe como se dava laço na gravata... (gravata não, dizia ele, isso não se chama gravata, chama-se lenço...); aconselhou-o que nunca usasse o boné no meio da cabeça: — Um marinheiro deve usar o boné de lado, com certa graça... E a camisa? — Oh, a camisa devia ser um bocadinho aberta para mostrar a debaixo, a de meia (CAMINHA, 2014, p. 25).

D'amorim (1997) traz um estudo em que mostra permanência do estereótipo de gênero, nas características físicas, alimentado, muitas vezes pela mídia, que valoriza a juventude e a beleza como características desejáveis nos homens, mas essenciais nas mulheres. Este estereótipo de gênero apresenta-se na maneira como o narrador descreve a beleza de Aleixo e como o próprio Amaro evidencia a beleza do amado: “[...] com um arzinho ingênuo de menino obediente, os olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos” (CAMINHA, 2014, p.21).

Amaro via Aleixo como sua propriedade: “Aleixo era seu, pertencia-lhe de direito, como uma coisa inviolável” (CAMINHA, 2014, p. 85). Dessa maneira, Amaro é o dominador e Aleixo o dominado que deveria viver somente para Bom Crioulo. Essa concepção da figura do homem como dominante existe desde o patriarcado em que o homem é constituído como o ser dominador de forma que a mulher é o Outro que derivada do homem para o homem (BEAUVOIR, 1970)

Aleixo sentia-se humilhado por achar que Amaro o tratava e subjugava-o como uma mulher, servindo apenas para os deleites sexuais:

Um coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher-a-toa” propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo... Aleixo amou: aquilo não era coisa que se pedisse a um homem! Tudo menos aquilo (CAMINHA, 2014, p. 42).

Apesar de Aleixo ser descrito com características físicas femininas, na questão emocional Amaro aproxima-se mais ao estereótipo da mulher, pois sonhava o tempo inteiro com Aleixo, apresentando uma dependência emocional em relação ao jovem:

Não sonhava melhor vida, conchego mais ideal: o mundo para ele resumia-se agora naquilo: um quartinho pegado às telhas, o Aleixo e ... nada mais! Enquanto Deus lhe conservasse o juízo e a saúde, não desejava outra coisa.

Se fosse possível não me encontrar mais, nunca mais, com aquele negro, ah! que felicidade! (CAMINHA, 2014, p. 41, 52).

Na segunda parte da citação, vemos que Aleixo não nutria o mesmo sentido que Amaro, pois, estava com o marinheiro penas por conveniência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra, podemos inferir que os estereótipos é um tema que perpassa por toda a obra de Caminha, em que os papéis sociais homem/mulher são altamente delineados pelas personagens Aleixo e Amaro. O interessante é que estas demarcações de gênero são descritas através de uma relação homoafetiva.

Dessa forma, a obra literária analisa, reafirma os argumentos das teorias sobre gênero, mostrando que a relação entre homem e mulher não é uma questão de sexo, ou seja, biológico, mas sim social, pois, apesar de Aleixo ser homem biologicamente, apresenta-se socialmente como uma mulher, delineado, na obra, com estereótipos femininos. Todavia, quando Aleixo começa a se relacionar com D. Carolina, ele começa a criar feições masculinas.

Em *O Bom Crioulo*, os estereótipos femininos são em grande parte negativos porque Aleixo apresenta-se como subordinado e submisso ao querer de Amaro, mesmo contra sua vontade. Em alguns momentos o estereótipo da mulher atribuído a Aleixo tem uma conotação positiva, a beleza e a juventude, todavia, estão para o estereótipo masculino.

A obra confere uma visibilidade a identidade sexual homoafetiva, mas ao mesmo tempo, Caminha mostra esta identidade como algo anormal um “delito contra a natureza” (2014, p. 32), conferindo legitimidade aos estereótipos de gênero. Da mesma forma que Caminha visibiliza a relação entre dois homens, renega-a. Isso é representado pela alteração na sexualidade de Aleixo.

A masculinidade de Amaro é sempre animalizada, por questões de estereótipos éticos e de gênero. Bom Crioulo representa a homossexualidade, discriminada tanto pelo autor ao longo da obra quanto o personagem Amaro.

Fazendo um comparativo entre o esteriótipo étnico e a questão da homossexualidade tratada em *O Bom Crioulo* (2014), esta é mais tolerada, pois, o autor mostra que é algo comum na Marinha, que havia um conhecimento de quem gostava se relacionava com outros homens, mas não se falava abertamente sobre isto “[...] o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas” (CAMINHA, 2014, p. 20).

Já em relação ao papel social no negro, este era tão desprezado que mesmo após o assassinato de Aleixo, Amaro não tem nenhuma visibilidade social: “Ninguém se importava com o “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre as baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...(CAMINHA, 2014, p. 96).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. **DIFERENÇA E IGUALDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO**. PSIC. CLIN., RIO DE JANEIRO, VOL.17, N.2, P.41 – 52, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>>. Acesso 22 set 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4º ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1970

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11º.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRITO, Danilo Lopes; BONA, Fabiano Dalla. **Sobre a noção de estereótipo e as imagens do Brasil no exterior**. Revista Graphos, vol. 16, nº 2, 2014 | UFPB/PPGL. p.15-28. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/23725>>. Acesso: 23 set 2018.

CAMINHA, Adolfo. **O Bom Crioulo**. 1 ed. São Paulo: DCL, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. **Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

D'AMORIM, M. A. M. **Estereótipos de Gênero e Atitudes Acerca da Sexualidade em Jovens Brasileiros**. Temas Em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 121-134, 1997. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300010)>. Acesso: 23 set 2018.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo, Brasiliense, 1994. p. 19

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v.15, n .2, jul./dez 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso: 22 set 2018.

SENRA, Flavio Pereira. **A herança do período naturalista nas letras do século XX**. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 114. Disponível em: <[http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2009/flaviosenra\\_heranca.pdf](http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2009/flaviosenra_heranca.pdf)>. Acesso: 22 set 2018.

SODRÊ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965.

SOUSA, Karla Cristina Silva; BARROS, João de deus Vieira. **Estereótipos étnicos e representações sociais**: uma breve incursão Teórica. Revista Educação e Emancipação. São Luís/ MA, v.5, n.2, jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/3259>>. Acesso: 23 set 2018.

TADEI, Emanuel Mariano. **A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional**. Psicol. cienc. prof. vol.22 no.4 Brasília Dec. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000400002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000400002)> . Acesso: 22 set 2018.

VANDRÉ, Geraldo. **Para não dizer que não falei das flores**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/geraldo-vandre/pr-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores.html>>. Acesso: 02 out 2018.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. 5. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969.